



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7377 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

### OCUPAÇÕES ESTUDANTIS: A PRODUÇÃO DE ALIANÇAS NA LUTA POR EDUCAÇÃO

Lígia Carvalho Reis - UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Marco Antonio Torres - UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

### OCUPAÇÕES ESTUDANTIS: A PRODUÇÃO DE ALIANÇAS NA LUTA POR EDUCAÇÃO

Este trabalho apresenta uma síntese da minha pesquisa de mestrado que teve como foco relatos de estudantes que participaram do movimento de ocupação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) no final de 2016 em consonância com as ocupações estudantis de escolas e universidades deflagradas em nível nacional à época. As propostas de lei que motivaram a mobilização estudantil com o apoio de profissionais da educação (*Reforma do Ensino Médio*, *a Escola Sem Partido* e *o Teto dos Gastos Públicos*), algumas já consolidadas e outras que pairam como ameaças, produzem e aprofundam desigualdades sociais e educacionais além de representarem uma tentativa de silenciamento dos sujeitos da educação. Nas ocupações os estudantes tomaram escolas e universidades como protesto em defesa do direito à educação, colocando em debate o que significa uma educação pública e de qualidade. Nessa pesquisa buscamos compreender como foi a vivência da ocupação estudantil na UFOP. O principal objetivo foi conhecer as vivências de alguns estudantes nas ocupações a partir de seus próprios relatos. Interessava ainda compreender alguns dos sentidos atribuídos pelos estudantes à educação, à participação política e à democracia; além de analisar como as ocupações se constituíram como espaço de luta pelo direito à educação.

Optamos então por uma metodologia qualitativa capaz de produzir falas de sujeitos sobre suas experiências acerca do cotidiano da ocupação e que sentidos essas vivências ganham na vida e nos valores daqueles que relatam. Foram realizadas duas *entrevistas narrativas*, na forma como aborda Arfuch (2010), e um *grupo de discussão*, inspirado na perspectiva de Weller (2006). As entrevistas narrativas foram feitas individualmente e cinco estudantes participaram do grupo de discussão. Inspira ainda nossas análises a relação entre discurso e poder apresentada por Foucault (2004) no livro *A ordem do discurso*. Butler (2018) é a principal referência que embasa as reflexões na pesquisa sobre a produção de alianças estudantis e a performatividade política nas ocupações.

Os eixos de análise foram definidos a partir da construção do campo. Após a realização das entrevistas narrativas e do grupo de discussão, três grandes categorias nos saltaram aos olhos. A primeira é a ocupação enquanto experiências de corpos em aliança, categoria analisada a partir de Butler (2018). A segunda linha de análise é decorrente da primeira e consiste na reflexão sobre a performatividade política da democracia e suas

expressões na ocupação, pensada também com apoio de Butler (2018). A terceira categoria perpassa as duas anteriores e consiste na relação entre vulnerabilidade socioeconômica e democratização da educação.

Os relatos produzidos nas interações dessa pesquisa mostram as ocupações como experiências de corpos em alianças que se produziram tanto presencialmente, no contato com outras ocupações, com a comunidade, com técnicos e professores, como pela internet. Esta última apresenta-se como elemento importante para a formação dessas alianças, pois além de terem possibilitado movimentos em amplitude nacional, a internet permite que outras experiências no mundo componham o imaginário e as representações sobre as lutas estudantis. As formas diversas como essas alianças são formadas nas resistências articuladas por esses estudantes informam sobre o caráter performativo do que chamamos de democracia (BUTLER, 2018). Democratizar a democracia é uma demanda e um enunciado repetido por esses estudantes e que coloca a questão do limite de uma abordagem nominalista para pensá-la. A demanda por voz associa-se às reivindicações por uma democracia mais participativa com processos institucionais também mais horizontais, indicando que a democracia não está dada, ela está em disputa e se constrói performaticamente.

A questão da vulnerabilidade perpassou os relatos em referências constantes à sensação de medo. Notamos o medo da perda do direito à universidade pública, para si e para os outros, e de muitos outros direitos sociais no campo da saúde, do trabalho. Nesse caso, o medo pode ser um elemento motivador da ação política, já que para Butler (2018) a formação de alianças ocorre a partir da percepção compartilhada da produção da condição precária e suas acelerações. Existe ainda o medo que surge a partir da própria exposição do corpo nas lutas em que precisamente esse corpo, posicionado em determinado local, como no caso das ocupações, é ele mesmo resistência, independente do que esteja sendo dito. Aqui o corpo exposto à resposta violenta dos aparelhos do Estado é o veículo da resistência precisamente por essa capacidade de mobilizar sua vulnerabilidade (BUTLER, 2018). Percebemos nos relatos ainda que a experiência de ocupação possui lugar significativo na vida dos participantes, envolvendo vínculos afetivos, processos de reconhecimento e produções subjetivas relacionadas aos estudantes enquanto sujeitos de direitos. A noção de que as ocupações foram formas de performatividade coletivas auxiliam na compreensão dessas formas de reconhecimento e produção de subjetividades (BUTLER, 2018).

As pesquisas com as quais dialogamos sugerem que as ocupações estudantis representam uma forma recente de manifestação que abre outras possibilidades de engajamentos políticos (GROPPO, 2018; GOHN, 2017), contribuem para a formação crítica e cidadã (GROPPO, 2018), assim como apontam outros caminhos possíveis para a educação (LEITE, 2017). Nossa pesquisa sugere que elas também se constituem como uma experiência de corpos em aliança a partir do compartilhamento da sensação de precariedade acelerada, que ao dispor seus corpos em aliança, como formas de *performatividade coletiva*, os estudantes disputam o sentido da democracia produzindo-a performaticamente nas reivindicações que realizam (BUTLER, 2018).

Os diálogos teóricos-analíticos da pesquisa apontam sujeitos que performatizam uma verdade política que se percebe pelo enunciado de democratizar a democracia. Os corpos se manifestam como fronte de luta, lugar do medo e desejo, porém potencializados pela descoberta de outros corpos que comungam das mesmas agruras e esperanças por uma educação mais democrática.

**Palavras-chave:** Ocupações estudantis. Direito à educação. Democracia. Performatividade. Aliança corpórea.

## REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 370 p.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 266p.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 10ª edição, São Paulo: Edições Loyola, 2004. 80p.

GOHN, M. G. **Manifestações e protestos no Brasil**: correntes e contracorrentes na atualidade. São Paulo: Cortez, 2017. 125p.

GROPPO, L. A. O novo ciclo de ações coletivas juvenis no Brasil. In: COSTA, A. A. F. e GROppo, L. A. (orgs.) **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Patrick & João Editores, 2018. p. 85-117.

LEITE, M. S. No “colégio dos alunos, por alunos, para alunos”: feminismo e desconstrução em narrativas das ocupações. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, p. 23-47, mar. 2017.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.